

**VILÉM FLUSSER**

Uma primeira leitura do "Cântico" provoca um mal-estar, o qual, na segunda leitura, se consolida na forma de antipatia. Essa antipatia sólida forma a base da terceira leitura. É esta a experiência subjetiva do presente comentarista. Aceitou, não obstante, a incumbência do comentário com grande prazer, porque lhe proporciona a oportunidade de enfrentar o desafio que o "Cântico" lhe lança. Afinal; se leio três vezes algo que me causa antipatia, e se, depois da terceira leitura, o assunto continua a preocupar-me, deve haver desafio. O propósito do presente comentário será pois duplo. Procurarei motivar a minha antipatia; e procurarei supera-la. Não tentarei, no entanto, fazer uma exegese do texto.

Wittgenstein diz: "Tudo que pode ser dito, pode ser dito claramente. O que não pode ser dito, deve ser calado". Esta sentença, (banal como o são todas as grandes verdades), não é apenas, uma constatação de um fato. É ainda um mandamento e um apelo à honestidade. Como mandamento pode ser assim formulada: "Analize claramente o discursível, e cale a boca quanto ao inefável!" E como apelo, tem a seguinte forma: "Ouidado! Confusão estilística é sintoma de desonestidade." Pois o "Cântico" de Milosz é uma prova do fato wittgensteiniano, uma infração contra o mandamento wittgensteiniano, e um desprezo pelo apelo wittgensteiniano. Tudo que pode ser dito, é dito por Milosz de maneira confusa. E é constantemente feito o esforço de dizer o indizível. A consequência é o clima de pecaminosidade e desonestidade que pervade tudo. Darei primeiro exemplos da confusão, para depois indicar exemplos da pecaminosidade e desonestidade.

A confusão reinante é evidente no nível léxico pelo emprego de termos provenientes de contextos incompatíveis. Na mesma sentença aparece o termo "objetos sensíveis", proveniente do contexto epistemológico, o termo "arquetipo", proveniente do contexto jungiano, e o termo "ôvo solar", proveniente da alquimia, e a sentença toda, (a que começa pelas palavras "O poder de nomear os objetos.."), oscila entre estes e outros contextos. No nível estilístico a confusão se manifesta pela linguagem ora seca e chã, ora pedante e de dedo elevado em riste, ora inspirada e elevada, ora preciosa e barroca. No nível do pensamento a confusão se estabelece pela variação arbitrária de assuntos, pelo enfoque saltitante desses assuntos, e pela incapacidade do autor de estabelecer uma unidade fundamental, isto é um "significado", do poema. Esta confusão é a causa do nosso mal-estar intelectual, estético e ético na primeira leitura.

A consequência disto é a pecaminosidade e desonestidade que pervade a obra. Considerem sentenças como esta: "Acabo de descrever a ascensão para o conhecimento". Ou esta: "Visitei os dois mundos." Ou esta: "Voltei, afim de comunicar meu conhecimento". E finalmente estas duas: "Não chorem por mim" e "Olhai-me!". A simples contemplação destas sentenças faz subir o rubor às faces. A vergonha que o autor não sentiu toma posse dos seus leitores. Esta

## VILÉM FLUSSER

sua arrogância impúdica, este seu arrogar-se o manto da profecia e mesmo da santidade, é uma soberba nojenta. Ainda seria suportável, se sentíssemos ter ela nascido da ingenuidade. Mas como nasceu da confusão que se mascara, na maior parte do poema, como humildade, é essa soberba a própria articulação da desonestidade. O problema se põe, portanto, da seguinte forma: quando está sendo mais desonesto o autor: na máscara humilde do sofredor que procura a salvação? ou na máscara soberba do iluminado que aponta o caminho da humanidade mergulhada nas trevas? Esta é a causa da nossa antipatia existencial pelo autor depois da segunda leitura.

Devo fazer, neste ponto, uma confissão, que iluminará melhor minha antipatia. É esta: conheço bem a tentação em cuja emboscada o autor caiu. Essa emboscada se chama "fascínio da língua". Permitam que a exponha, e que exponha assim o leitor a esse fascínio perigoso. Considerem a língua. Sob o enfoque formal é ela um sistema regrado de símbolos, e como tal perfeitamente acessível a uma análise rigorosa e disciplinada. Com efeito, sob este enfoque é a língua o único objeto de uma análise rigorosa e disciplinada. O seu estudo é portanto o próprio campo da razão discursiva. Mas sob o enfoque existencial é a língua o próprio ar que respiro enquanto ser pensante. É ela o próprio chão do qual sugo a minha seiva com todas as minhas raízes. É por ela que estou unido ao mistério da minha origem. É por isto que Milosz pode dizer que "a prece conduz à meditação sobre a origem da língua". Este é pois o fascínio que a língua exerce: o seu estudo parece permitir que superemos a razão racionalmente. Nesse estudo ela se revela o fundamento mesmo da realidade, ou, (como se diz atualmente), a estrutura da realidade. Ou como diz Milosz "Os nomes ("próprios" pelos exemplos que ele dá), não são nem os irmãos, nem os filhos, mas sim os pais dos objetos sensíveis". Demoremos um pouco nessa sentença.

Milosz se coloca no campo da escolástica com esta sua sentença, e revela assim as raízes católicas do seu pensamento. Os nomes próprios não são irmãos dos objetos sensíveis. (Nomina non sunt in rebus). Não há uma correspondência bi-valente entre palavra e coisa. Os nomes próprios não são filhos dos objetos sensíveis. (Nomina non sunt post res). A língua não é uma super-estrutura da realidade, pela qual esta se conhece. Mas os nomes próprios são os pais dos objetos sensíveis. (Nomina sunt ante res). A língua é a estrutura da realidade. Milosz, no seu "Cântico do conhecimento", canta o conhecimento "realista". É pelos nomes, "pela magia das palavras, que o ouro do mundo sensível tira seu valor secreto". Os nomes são "vestígios da linguagem pura dos tempos de fidelidade e de conhecimento". "O declínio da fé manifesta-se no mundo da ciência e da arte por um obscurecimento da linguagem". Se Milosz tem, pois, mensagem, é esta: Voltemos, pela prece, às raízes da língua, e contemplaremos, "atrás do espelho, a fonte de luzes e formas".

Mas o exemplo de Milosz ilustra perfeitamente o perigo que se esconde no fas-

VILÉM FLUSSER

início que a língua exerce. É este: a língua é, a um tempo, objeto e sujeito do estudo. Ao falar da língua, falo. Ao querer ultrapassar a língua, utilizo-me dela. Ao querer alcançar as suas raízes, arrasto-a comigo até junto dessas raízes. Quando creio ter alcançado os limites da língua, ei-la ao meu redor, arrastada para cá por mim mesmo. Dada a identidade entre objeto e sujeito do conhecimento no campo da língua, é este conhecimento, com efeito, uma série de cambalhotas. Confessar isto, (como o faz Wittgenstein), é, a meu ver, dever de honestidade. Entoar "Cânticos do conhecimento" nessa suposta situação de limite, é sintoma de desonestidade. Recorrer a metáforas "que a linguagem ainda hoje nos impõe desde que interroguemos o mistério do nosso espírito" metáforas como "ôvo solar", como "conhecimento do ouro, da luz e do sangue", é confessar que a língua é insuperável, ou então é desonestidade. E, repentinamente, essas metáforas que nos são impostas, e que informam o nosso pensamento invertem o clima do nosso empenho. A língua nos fascinou pela promessa da possibilidade de um ataque racional ao mistério que nos cerca. Pelas metáforas mergulha-nos no irracionalismo. Só restam, com efeito, duas alternativas: a de Milosz, que é a de entoar hinos a um conhecimento que não o é, ou o é num sentido pecaminoso e desonesto. Ou, como segunda alternativa, resta calar-se. Esta é, creio, a verdadeira atitude religiosa. E assim expliquei melhor a minha antipatia pelo "Cântico do conhecimento".

Dito tudo isto, (como deve ser dito), resta o fato seguinte: Não é possível calar-se. Pelo menos não o é para quem não alcançou santidade. Somos impedidos a falar pelo simples fato de estarmos aqui, de vivermos ainda. E é por isto que Milosz fala. Quer nos fazer crer que é santo, mas fala. Não cremos na sua santidade, na sua "iluminação", mas ouvimos o que ele diz, e sentimos que fala a respeito da santidade. Fala a respeito da santidade, porque fala na superação da língua. E esta circunstância, por si só, é prova que Milosz é nosso irmão na busca de uma superação do absurdo. Sentimos pulsar nele, (para recorrermos a uma sua metáfora, perigosamente sangrenta), o nosso "sangue". Embora esse suco não seja especialmente nobre, e embora seja um suco pelo qual o diabo tem preferência marcada, ("Blut ist ein ganz besondrer Saft"), constitui a nossa consaguineidade com Milosz um ponto de apoio para a superação da nossa antipatia.

Aquilo que Milosz escreve, este "Cântico do conhecimento", é, afinal das contas, algo que tecnicamente é chamado "poesia". Não é filosofia ou teologia, ou pelo menos não o é extensivamente. É verdade que os limites se borram, e que se borram atualmente mais que antigamente. E é ainda verdade que o próprio título do "Cântico" aponta o campo da filosofia e teologia. Mas ainda persistem diferenças. Não me alongarei em considerações o que seja "poesia". Mas a situação do poeta é a de um exposto e exilado. Existe à margem. A sua responsabilidade é portanto diferente da do filósofo, e também diferente é a sua liberdade. A minha antipatia é talvez resultado de confusão de planos.

**VILÉM FLUSSER**

Não deveria ter lido este poema como se fosse filosofia. Deveria te-lo lido como articulação de uma existencia exposta, exilada e marginal, invadida pelo espanto do de tudo diferente. Pois retomemos a poesia, releamos ela. Permitamos que nos arraste consigo. Ponhamos em parentese o nosso conhecimento na leitura deste "Cântico do conhecimento", embora o próprio título dificulte a nossa tarefa.

As ondas obscuras e quentes das metáforas, interrompidas pelos raios cortantes das sentenças tecnicamente rigorosas, os brados seguidos de pontos de exclamação intercalados nas orações complicadas e pedantes, a cadência de um ritmo solene perturbada por uma prosa pesada e pedestre, criam um ambiente infernal, no qual a confusão á qual aludi adquire um caráter novo. A confusão se revela instrumento do poeta. E a própria pecaminosidade e desonestidade, (resultados da confusão), revelam-se instrumentos. O poema todo é um desafio. Quer provocar antipatia. Quer provocar no leitor uma vibração sincópica ao poema. Embora seja aparentemente um apelo ao intelecto, é, na realidade, um contra-apelo ao intelecto. Provoca o intelecto para confundi-lo. A crítica á qual submeti o autor é a reação por ele pretendida. É por esta terapeutica violenta, por este tratamento de choque, que Milosz pretende sarar-nos. É uma "poesia engagée" a dele, porque empenhada na salvação da humanidade. Mas é um "engagement" invertido. Não quer prosselitizar, mas quer afastar os outros. A sua mensagem é esta: "Não me sigam!". E se esta interpretação for válida, (como a vivência do poema a sugere), então a nossa antipatia se dissolve.

Milosz é uma voz característica do nosso tempo em mais de um sentido. É característica, porque a sua preocupação é com a lingua. É característica porque é confusa. É característica porque, com sua esperança pretenda, é desesperada. E esta voz nos conclama até o dia, quiçá o dia do nunca, "em que me fizeres vestir de sol pelos teus, pelos que sorriem".

